



# Amor a esta pátria

Gustavo Baptista Éboli  
Farmacêutico-químico  
E-mail gbeboli@hotmail.com

É inegável que a Farmácia brasileira, e mesmo a de outros países, ainda seguem caminhos em busca da afirmação e do reconhecimento do farmacêutico como um profissional da saúde. Participando de eventos, fora de nosso País, passei a unificar a imagem como cidadãos farmacêuticos a todos os egressos das faculdades ou cursos de Farmácia. Nesta, parafraseando, à distância, Fernando Pessoa, este com relação à língua portuguesa, a profissão farmacêutica seria a nossa pátria comum.

Minha pretensão, nesta forma de nos reconhecer, foi a de nos identificar, espiritual e profissionalmente, em nível nacional e internacional. E numa pátria muitos fazem muitas coisas. Tudo, patrioticamente. No Brasil, os então currículos ou as modernas diretrizes sempre procuraram modelar a forma acadêmica para que tivéssemos um egresso em condições para bem exercer a sua parte na dita profissão farmacêutica.

A retomada figura do farmacêutico generalista, como produto final, facilita e unifica a sua identificação inicial no curso, mas traduz um "status" pouco nítido de sua real capacidade operativa em sua conclusão, após um longo e custoso trânsito universitário. Provavelmente, aqueles que objetivarem uma das então modalidades, encontrarão, em outros cursos, melhores condições de realização.

A competitividade, no mercado profissional, estará cada vez maior, e a reserva de mercado, via atos legislativos, será progressivamente substituída para favorecer aqueles melhor capacitados em seus respectivos cursos e estágios preparatórios. Quando recebi, há quatro décadas, o meu diploma de "farmacêutico-químico", a principal rivalidade, no campo profissional, era com os "químicos", mais comumente quando se tratava de alimentos ou no tratamento de águas.

À época, ao defender a "nossa pátria", eu costumava utilizar como divisor a expressão "o farmacêutico é o químico da área da saúde". E isto nos dava condição de vantagem para delinear muitas de nossas reivindicações. O destino maior eram as "análises clínicas", amparadas pelo Decreto de 1931, surgindo, então, o "farmacêutico-bioquímico" ou simplesmente "bioquímico".

Foi, em meu entender, com relação às análises clínicas, a melhor identificação profissional que o farmacêutico recebeu, para o

seu exercício num campo que passou a ser, cada vez mais, competitivo. Paralelamente, o Curso de História Natural transfigurou-se em Ciências Biológicas, diplomando o "biólogo".

Logo a seguir, mais por interesses mercadológicos na área da educação, que por necessidades da área da saúde, foi criada a "modalidade médica" de seu curso, que deu sustentação à formação do "biomédico" e aos atuais cursos de Biomedicina. Por isso, no início dos anos 80, a "pátria" foi à luta em defesa de seus interesses junto ao Congresso Nacional.

Hoje em dia, existem universidades federais abrigando estes cursos, indiferentes à antiga regra que impedia a duplicação de recursos, quando já possuía formação qualificada para um mesmo fim. A titulação de "bioquímico", que ainda se mantém como a melhor identificação do nosso cidadão farmacêutico nas análises clínicas, foi substituída nos diplomas pela averbação da modalidade correspondente.

Num mundo cada vez mais globalizado e apequenado pela informática, até as empresas com conotação religiosa competem no mercado e na representação política no Congresso Nacional. Fazer um bom produto não é o suficiente para bem colocá-lo. A sua atrativa imagem faz parte deste processo. Na qualidade e no tempo de entrega. As análises clínicas correm riscos na extensa formação generalista.

A área dos alimentos lamentavelmente perdeu ênfase no interesse da formação farmacêutica. A ocupação deste importante espaço vem sendo, em parte, preenchida pela engenharia de alimentos, criando-nos o fantasma de uma engenharia de medicamentos. A área do medicamento, facilmente associada aos farmacêuticos, e que vai desde a pesquisa do fármaco, até a sua dispensação e posterior acompanhamento, tem sido, nos últimos tempos, revalorizada pela implementação da Farmácia Clínica e seus resultados na atenção farmacêutica.

A farmácia hospitalar, sim, ganha espaço, cada vez maior, e, em nosso País, a Farmácia Magistral está manipulando, cada vez mais e melhor, ainda que para o meu gosto, excessivamente monitorada pelas resoluções da Anvisa. Novos nichos profissionais vêm agrupando e especializando farmacêuticos, como mais recentemente se verifica na área

de neoplásicos, e em outras atividades que as resoluções do CFF têm oportunamente regulamentado.

Em outros países, a nossa "pátria" se estende com peculiaridades profissionais e culturais. No Hemisfério Norte, na Europa em geral, nos Estados Unidos e Canadá, o conflito concentra-se na área do medicamento entre o "pharmaceutical care" e o "management care". A atuação do farmacêutico, transformando as farmácias em estabelecimentos de prestação de serviços para a saúde, é o grande mote ao objetivar os cuidados para com o usuário, transformando-o em cliente e paciente.

Vale para a farmácia pública e para a farmácia comunitária. Na América Latina, os projetos do Foro Farmacêutico, no controle da hipertensão arterial e diabetes, estão sendo inicialmente implantados em farmácias do Brasil, Argentina e Chile. No México, nos países da América Central e Caribe, os farmacêuticos atuam principalmente na indústria farmacêutica, onde freqüentemente são identificados como "engenheiros".

A realidade, na América do Sul, tem semelhanças. Os nossos congressos são ricos em conteúdo científico, refletem muitos conhecimentos diversificados, mas os programas estatais, na área da saúde, em geral, têm ignorado os farmacêuticos. Exemplificamos, a título de comparação, que, na Bolívia, a entidade maior da profissão farmacêutica é o "Colégio de Bioquímica e Farmácia da Bolívia"; na República Argentina, a Farmácia e a Bioquímica são reguladas independentemente, embora, na origem, todos sejam egressos da mesma faculdade.

Em nosso País, o CFF e os CRFs têm abrangência sobre todos os egressos por estes habilitados. Estas reflexões procuram lembrar a nossa configuração existencial como profissão, a nossa conseqüente imagem para o mercado competitivo e a conseqüente dificuldade para reconhecermos um eficaz modelo de formação acadêmica.

Passa um médico, passa um enfermeiro, passa um odontólogo e, de repente, passa um farmacêutico. A pergunta de alguém nos incomodará: "Você é farmacêutico. Afinal, o que você efetivamente faz?". Sofremos, assim, desta falta de reconhecimento da potencialidade como profissionais da saúde que acreditamos ser, e que ainda se reflete nos programas governamentais, mesmo depois de tantos anos da Declaração de Tóquio, em 1993.

E, assim, por paradoxal que possa parecer, não temos farmacêuticos nos programas assistenciais do MS, que utilizam medicamentos. O desafio continua e é todo nosso. Talvez, por isso, desde antes de Pasteur ou de Rodolpho Albino, nós, cidadãos farmacêuticos, tanto nos indignamos e tanto amamos a esta nossa pátria, civil e profissional.